

O RELACIONAMENTO PROFESSOR E ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Carmesina Ribeiro Gurgel¹

INTRODUÇÃO

Objetiva-se neste texto, refletir possíveis fatores no campo das relações professor e aluno, a partir identificação de pontos relevantes, que possam estimular uma convivência afetiva e, ao mesmo tempo profissional durante o processo educativo.

Refletir a importância dessa relação para a eficácia do processo de ensino e aprendizagem nos remete a algumas considerações preliminares que contribuirão para melhor desenvolvimento do tema.

A aprendizagem e a construção do conhecimento são processos naturais e espontâneos do ser humano que desde cedo aprende os mecanismos de sobrevivência. A aprendizagem escolar também é um processo natural, que resulta de uma complexa atividade mental na qual o pensamento, a percepção, as emoções, a memória, a motricidade e os conhecimentos prévios estão envolvidos.

Isso implica em diferentes formas de ensinar, pois, há muitas maneiras de aprender. O ato de aprender sempre pressupõe uma relação com outra pessoa. Essa pessoa que ensina - o professor, é colocado pelo aluno numa determinada posição que pode ou não propiciar a aprendizagem, podendo criar situações ambivalentes.

Para melhor compreender essas situações recorreremos a um trecho escrito por Freud, ao ser convidado para falar sobre seus professores e os sentimentos que os alunos dedicavam a eles, quando da comemoração do jubileu de seu antigo colégio e, assim os definiu:

1 – Pedagoga. Doutora em Educação/Avaliação Educacional. Professora Associada da Universidade Federal do Piauí. Texto elaborado para subsidiar a Conferência "O relacionamento entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem" na Semana Pedagógica do Centro Universitário do Maranhão - UNICEUMA, em 02.02.2011.

“Nós os cortejamos ou lhes virávamos as costas; imaginávamos neles simpatias e antipatias que provavelmente não existiam; estudávamos seu caráter e sobre estes formávamos ou deformávamos o nosso (...). Estávamos, desde o princípio, igualmente inclinados a amá-los e a odiá-los, a criticá-los e respeitá-los”. Freud (1914/1974, p.286)

A descrição acima apresenta uma manifestação contraditória de sentimentos e atitudes, demonstrando uma relação de afetos caracterizados pelo amor, admiração e de forma oposta pelo ódio, aversão, antipatia. A esse conjunto de atitudes contraditórias foi denominado de “ambivalência”, que está presente constantemente no relacionamento professor-aluno.

De acordo com o grau de escolaridade essas relações de afetos são percebidas de maneira diferenciadas. Por exemplo, na educação básica são diretas, sendo o professor a figura mais próxima no cotidiano da criança e do adolescente, a relação professor-aluno torna-se muito intensa, assemelhando-se ao papel de familiares.

Já no ensino superior as transferências de afeto acontecem de maneira menos perceptível, isto porque, nem sempre a figura do professor e a sua significação correspondem aos anseios dos alunos, que é o aprendizado, o que torna as relações professor-aluno susceptível à ambivalência nesta modalidade de ensino.

DESENVOLVIMENTO

Essa temática é bastante enfática nas análises de Abreu (1990), Gadotti (199), Freire (1996), Vallejo (1999), entre outros teóricos, cujas idéias serviram de referencial para nortear o desenvolvimento desse texto. Para melhor compreender como a relação professor-aluno pode ou não influenciar na aprendizagem, pautaremos essa discussão em dois questionamentos: (1) como se dá a relação professor-aluno na sala de aula? (2) como é possível potencializar o campo relacional na sala de aula de maneira que haja aprendizado eficaz?

Objetivando responder as questões norteadoras dessa discussão passaremos a analisar dez fatores que podem interferir de maneira positiva ou negativa no campo relacional entre professor e aluno, dependendo do grau de consciência sobre a importância das relações para nossa vida pessoal e

profissional: (1) as primeiras impressões; (2) as expectativas; (3) as ações intencionais e não-intencionais; (4) características e atitudes; (5) multidimensionalidade do campo relacional; (6) dimensão didática; (7) concepção de avaliação; (8) momentos da avaliação; (9) clima organizacional da sala de aula; (10) relações intra e interpessoais na sala de aula.

1 - As primeiras impressões

As primeiras impressões podem ter seu início no primeiro dia de aula. É um encontro especial que acontece entre professor e alunos. É uma oportunidade da qual não deve ser descuidado, especialmente para o professor estabelecer um clima favorável ao aprendizado e o bom relacionamento da turma. Portanto, as primeiras aulas são de uma importância fundamental para não comprometer o curso ou a disciplina. Para isso, é preciso ter em mente, o que dizer e para que dizer.

Há um ditado popular que diz “falar é fácil, ser coerente com o que se diz é outra estória”. Obviamente, no primeiro dia de aula, é comum falar sobre o programa ou plano da disciplina, sua importância e outras informações. Até aqui, nenhuma novidade, todos os professores fazem isso no primeiro dia de aula. Entretanto, uma série de idéias e cuidados pode contribuir significativamente para a criação de uma imagem positiva do professor. Não se pode esquecer de que o professor é um formador de opinião. Eis algumas sugestões:

a) Aparência

O uso de roupas discretas, o mais neutro possível, sem tendências para nenhum estilo em particular. Usar o que de melhor se pode escolher e representar-se bem perante aos alunos. Evitar demonstrar preferências ou pelo menos tentar mostrar que cada um tem seu estilo. O professor na sala de aula deve ser um profissional neutro em relação às preferências. Por exemplo, time de futebol, música favorita, religião, partido político, uso de tatuagens, entre outros temas polêmicos.

b) Apresentação

É oportuno falar sobre sua trajetória acadêmica, no que se referem à sua qualificação, experiências profissionais, especialmente no curso em que está ministrando aulas, do programa da disciplina a ser desenvolvido e suas expectativas em relação à turma, objetivando despertar nos alunos a confiança. É apropriado também aplicar um questionário com perguntas simples, mas que podem resultar em informações fundamentais para subsidiar um conhecimento prévio dos alunos e as expectativas sobre a disciplina, enfim fazer uma diagnose da turma.

c) Aplicação de dinâmica de grupo

É interessante desenvolver uma dinâmica na qual os alunos participem e possam interagir entre si. Escolha uma dinâmica adequada ao momento, que possibilite retratar o máximo possível as características dos alunos. Esse recurso o ajudará quando lidar com eles ou quando for preparar as aulas.

d) Alguns cuidados com outras atitudes

Que o primeiro dia de aula é importante para os alunos e professores isso não é novidade, mas é um dia em que os alunos estão animados e cheios de expectativas. Por outro lado, os professores precisam também de ânimo para assumir os compromissos implícitos ou explícitos decorrentes das diretrizes do curso e conduzirem com propriedade para seus alunos.

Sabe-se que as primeiras impressões sobre algo ou alguém podem parecer algo muito impreciso ou genérico, mas elas se traduzem em condutas do professor e também dos alunos. As avaliações prévias, carregadas de preconceitos ou opiniões valorativas que professor e alunos recebem sem que ainda os conheçam bem podem contribuir para a formação das inevitáveis primeiras impressões, podendo ser positivas ou negativas. Mas o que dizer e fazer para minimizar o efeito negativo das primeiras impressões?

Na opinião de Vallejo (1999, p.68), “às vezes, a primeira impressão não fica apenas na primeira. Quase sempre, o que vemos *depois* está distorcido para confirmar essa primeira impressão”. As primeiras impressões do professor sobre a turma são tão importantes quanto às primeiras impressões que os alunos podem ter a respeito do professor. Há muitas formas de identificar o que podem causar as impressões, pois todas as primeiras impressões, independentemente do ambiente escolar são de caráter avaliativo, e dessa primeira impressão pode depender a boa relação, a não-relação ou a má relação subsequente. Eis algumas sugestões:

a) Planejamento das aulas

O planejamento é o alicerce da organização, do bom exemplo de compromisso e racionalização do tempo e de conteúdos a ser estudados. É importante preparar bem as aulas, especialmente, demonstrar essa sistematização logo na primeira aula. Instrumentalize-as, adote a tecnologia como recurso didático, não deve utilizar somente a técnica da aula expositiva associada apenas na fala ou improvisação, diversifique, pois poderá não ter uma segunda chance para mostrar que sua aula pode ser interessante.

b) Estabelecimento de vínculo

É importante que o professor busque intensificar os vínculos com os seus alunos, chamá-lo pelo nome é um bom início, coloca-se como mediador. Os vínculos que se intensificam quando a vontade de aprender do aluno se liga a pessoa do professor. Nesta lógica, o estabelecimento de vínculos positivos nessa relação é fundamental para o sucesso do processo ensino-aprendizagem, pois o conteúdo a ser ministrado deixa de ser o centro do processo pedagógico e a figura do professor passa a ser a chave para o aprendizado, esse fenômeno é chamado de “transferência” por Freud (1914/1974)

Essa transferência pode ser positiva ou negativa e pode acontecer do aluno para o professor ou deste em relação ao aluno. Por exemplo, se um aluno não se sentir a vontade com determinado professor, certamente, haverá

dificuldades de aprendizagem, ainda que possam parecer interessantes ou necessários os ensinamentos.

Neste exemplo, houve uma transferência negativa para a figura do professor, que passou a ser um motivo de recusa por esse aluno. Um motivo que talvez não tenha sido ocasionado pelo professor, mas que por alguma razão consciente ou não surge a antipatia ou indiferença devido à transferência do aluno.

c) Correção de posturas

Se tiver que chamar a atenção de um aluno faça-o de forma branda e simpática. Se estiver conversando, pergunte com naturalidade algo sobre o assunto trata naquela aula: 'você não entendeu?' Há alguma dúvida? Mantenha a calma, evitando ironia, gritos ou punições no primeiro dia e durante as aulas. Tente ser diplomático, persuasivo até entender como são seus alunos e a melhor forma de lidar com eles.

d) Trabalhos avaliativos

Geralmente no primeiro dia de aula deve ser um dia para conhecimento das perspectivas dos alunos e professores, do programa da disciplina, não deve ser um dia exaustivo, muito complexo ou difícil, o melhor é planejar alguma atividade ou uma dinâmica onde tenham opções de criar ou estabelecer um clima saudável e motivador de interesse pelas próximas aulas.

2 - As expectativas

As expectativas são as idéias que temos sobre o que pode acontecer quando fizermos algo ou tomarmos uma determinada atitude. Por exemplo, "Se o professor chega atrasado à aula, os alunos podem ficarão ansiosos", "Se o professor for comprometido os alunos vão aprender", "Se o aluno estudar mais vai aprender muito". Essas expectativas são sempre idéias que fazemos. Não dá para garantir que os resultados aconteçam do jeito que é imaginado.

De forma específica, vários momentos do processo educativo favorecem ao professor uma relação direta, diferenciada e importante com os alunos. As

primeiras impressões que o professor tem dos alunos e estes do professor, são importantes e se traduzem em padrão de comunicação positiva ou negativa.

As expectativas, os medos, a motivação da turma dependem em boa medida das primeiras aulas. O momento da avaliação da aprendizagem, por exemplo, cria um campo relacional muito forte entre professor e aluno, que dependendo de como é conduzido gera expectativas, informações, podendo potencializar ou não o interesse do aluno sobre aquela área de estudo.

Um exemplo pessoal, inconscientemente ou não, quando acadêmica na graduação sempre tinha aversão, antipatia para estudar filosofia e durante a pós-graduação tinha que estudar, produzir artigos científicos sobre uma disciplina de cunho filosófico. Contudo, o professor era excelente como ser humano e competente no domínio da técnica e do conteúdo. Esse professor me fez acreditar que eu capaz de atingir os objetivos da disciplina, ao ponto da minha dissertação de mestrado ter como referencial metodológico a fenomenologia pautada nos melhores filósofos estudiosos desta área.

Em outras palavras, criar expectativas é um campo muito complexo que nos remete de novo às primeiras impressões, aos preconceitos e à reciprocidade das relações professor-aluno, embora, o professor neste caso, tem um papel significativo na criação das expectativas positivas, dependendo de suas atitudes ao longo de todo o curso.

Isto significa que, em sua maioria, as relações que se estabelece com as pessoas, dentro e fora da sala de aula, têm como referência o que se acredita como elas são. É preciso ser prudente com essas questões para evitar o preconceito e os estereótipos, considerando suas implicações educativas no âmbito multicultural que se convive no cotidiano de uma sala de aula. Essa realidade reforça os preconceitos, estereótipos, e as expectativas que neles se baseiam, gerando uma patologia da percepção, também conhecido como o bullying.

O bullying é uma das formas de violência que tem crescido nestes últimos anos e causa grande sofrimento às suas vítimas, sendo muito comum no ambiente escolar, tanto em relação ao aluno quanto aos professores. No tocante

aos alunos é apontado como uma das causas dos elevados índices de evasão e retenção escolar.

Caracteriza-se pelas mais diversas situações repetitivas de humilhações, constrangimentos, apelidos jocosos, intimidações, difamações, podendo ser caracterizado até como assédio moral. Como conseqüências, encontram-se o comprometimento da saúde emocional, da qualidade das relações interpessoais, da construção da cidadania e, principalmente, da ruptura no processo educacional ou profissional. Realmente é os efeitos dessa patologia causam estragos que, dependendo do grau da egressão pode torna-se um dado irreparável na vida das pessoas que passam por tais situações.

Os juízos e avaliações prévias podem ser úteis e, é quase inevitável, mas o professor deve ser cuidadoso, assim como o aluno. Refiro às informações que recebemos de colegas que já passaram pela turma e aos alunos sobre os professores, sem um conhecimento prévio deles.

Neste caso, a competência do professor consistirá na capacidade em dispor-se de maneira consciente a fazer o possível para conduzir a situação, conforme o tipo de informação recebida, se favorável trabalhar para sua validação, se desfavorável fazer o possível para refazer o contexto, propiciando o aprendizado e o bom relacionamento da turma. Por isso vale à pena caprichar no primeiro dia de aula e proporcionar a criação de altas expectativas.

Ter expectativas altas significa esperar muito de alguém. No caso específico do professor as expectativas podem ser geradas de fontes de informações sobre o aluno. Por exemplo, essas informações podem induzir o professor a manifestar tratamento diferencial, a um determinado grupo de aluno, tais como:

(a) estabelecer um clima socioemocional mais agradável com determinados alunos, por meio da comunicação, de gestos não-verbais;

(b) acompanhar e orientam de maneira mais elaborada a esses alunos, ajudando-os em seu aprendizado. Tais alunos são menos criticados, suas idéias são aceitas ou mais consideradas;

(c) fornecer mais informações e contribuir mais para o êxito desses alunos do que dos outros;

(d) propiciar mais oportunidades para aprender, perguntar mais a eles ou dar mais tempo para responder, favorecendo uma interação acadêmica ou pessoal com esses alunos com maior frequência.

Enfim, a manifestação de expectativas não é simplesmente a expressão de algumas palavras de ânimo para os alunos, e sim um compromisso do professor, sempre tendo em mente o cuidado para que tais expectativas se realizem, sobretudo com os alunos que mais necessitam essa motivação, pois todos são alunos, independentemente das preferências ou dos efeitos de halo.

3 - As ações *intencionais* e *não-intencionais*

O êxito do processo de ensino-aprendizagem depende, em boa parte do estilo de relação estabelecido com os alunos. Em outras palavras, um professor pode ensinar algumas tantas coisas com suas explicações, e outras diferentes com o seu estilo de ser, de relacionar-se com os alunos. Neste sentido, ensino e aprendizagem são processos intencionais, dirigidos e orientados para atingir objetivos e finalidades.

O ensino não se faz sem a aprendizagem, apesar de apresentarem caráter e sujeitos da ação diferentes (professor/aluno). Este processo de ensino-aprendizagem só é significativo quando correspondem aos objetivos e finalidades da educação e as necessidades e interesses dos sujeitos envolvidos, a partir de diversas possibilidades que Vallejo (1999) classificadas em dois critérios básicos:

- a) Aprendizado: intencional, não-intencional, não há aprendizado;
- b) Ensino: com o professor e intencional, com o professor e não-intencional e sem professor

O ensino intencional e aprendizado intencional: o professor explica o que deve ser explicado e os alunos aprendem porque quer aprender, havendo tempo e espaço consistentes.

A relação professor-aluno é um dos fatores fundamentais para a eficácia do aprendizado intencional. O professor sendo um profissional de ensino tem, entre tantas funções, a tarefa de mediar o aprendizado, de incentivá-los ao êxito e não ao fracasso, e a qualidade dessa relação pode ser determinante para que os alunos consigam atingir seu objetivo de formação profissional. .

Entendo que, a relação professor-aluno no âmbito da sala de aula perpassa todo o processo de ensino-aprendizagem, tanto do ponto de vista genérico quanto específico. Às vezes, o que o esquecido é a fundamental importância de criação de um campo relacional com os alunos com a mesma clareza que se manifesta nas demais relações, tornando as relações professor-aluno menos significativa. Embora, necessário se faz estabelecer limites, coerência, do tipo o que é impróprio ou adequado.

Já no *ensino não-intencional e aprendizado intencional*: acontece por identificação, ou seja, se o professor é um bom modelo de identificação e tem boa aceitação afetiva, junto aos alunos. O desempenho desses alunos pode está associado mais a significação da imagem do professor ao que este conscientemente pretende ensinar ou mediar.

O *ensino não – intencional e aprendizado não-intencional*: incidem, sobretudo, nas atitudes e valores. Dito de outra maneira são conhecimentos aprendidos, mas que alguns serão esquecidos, ao longo do tempo, outros permaneceram e condicionarão as atitudes e condutas futuras.

No *aprendizado intencional sem professor formal*: são as aprendizagens que acontecem ao longo da vida. Nessa trajetória são aprendidas muitas coisas porque se quer ou porque precisamos aprender, sem necessidade de educação formal.

O *aprendizado sem intenção de aprender e sem professor*: advêm da própria experiência. Somos capazes de aprender algo sem que ninguém nos ensine e sem querer aprendê-los. Por exemplo, as surpresas, os desenganos, as decepções, as desconfianças faz com que se desaprenda a ingenuidade e aprenda a nos defender, a calar, enfim a viver a vida.

Quando o aluno *não aprende de forma intencional, nem não-intencional*: pode ocorrer quando simplesmente o professor ensina intencionalmente, mas com menos empenho não despertando interesse ou altas expectativas dos alunos. Essa atitude pode contribuir para o não aprendizado do aluno, causando a reprovação ou desistência.

4 - Características e atitudes

Muitas pesquisas e estudos têm sido realizados, tendo como objeto as características e atitudes que define o perfil do professor ideal na percepção dos alunos, embora, se tenha a consciência de que o professor ideal tão pesquisado não existe.

Contudo, torna-se oportuno mencionar em Gurgel (2000, p. 240), ao desenvolver um dos objetivos da dissertação de mestrado em avaliação educacional, buscou saber junto aos alunos do ensino de graduação, sua percepção sobre este perfil. Os dados foram colhidos em 803 questionários com uma única questão aberta: “Em sua opinião o que caracteriza ser um bom professor em sala de aula?” De acordo com as análises, o perfil do bom professor estabelecido pelos alunos apresenta as seguintes características:

- a) *Ter competência técnica e política* – implicam que o professor deve incorporar o ensino na perspectiva técnica, política e social do conhecimento, procurando estabelecer, em sua prática docente, situações que venham superar a dicotomia entre teoria e prática, em busca de alternativas para o ensino de qualidade.
- b) *Ser Interativo* – estar relacionado no mundo que o cerca, isto é, o professor deve compreender a si mesmo, ao aluno e ao mundo. O indicativo para esta compreensão se dá a partir do compromisso do professor com a sua prática pedagógica.
- c) *Ter atitudes positiva de comportamento* – comportamento é configurado, a partir de atitudes que o professor deve ter em sala de aula, no sentido de ter maturidade e ser compreensivo. Em outras palavras, ter maturidade e compreensão é aceitar o outro, estar

sempre aberto, ter consciência profissional, compromisso, ser persuasivo, emotivo, criativo, genial, investigativo, dialético e ético.

Por outro lado, sabe-se que, realmente para manter uma relação ótima com os alunos não é preciso necessariamente inovar tudo. Mas pode haver uma reflexão sobre as múltiplas atividades acadêmicas trabalhadas durante o processo ensino-aprendizagem e definir as ênfases e prioridades para o alcance dos objetivos propostos.

5 - Multidimensionalidade do campo relacional

A relação professor-aluno é complexa e envolve vários aspectos, não se pode reduzi-la a uma fria relação didática nem a uma relação humana calorosa. Além disso, embora estejamos enfatizando a relação do professor com os alunos, eles também influenciam o professor. As influências são recíprocas e multidimensionais, sobretudo do lado do professor que possui diversidade de situações ao seu favor:

- a) Despertar a motivação por meio das atitudes positivas com incentivos, valorização, otimismo, ética, entre outros;
- b) Intensificar as influências interpessoais, motivando os alunos a perceber sua própria competência;
- c) Trabalhar as necessidades dos alunos, ou seja, a motivação é interna, mas floresce e cresce quando os alunos vêm satisfeitas suas necessidades, não apenas para obter aprovação na disciplina, mas também seu crescimento como pessoa humana;
- d) Intensificar a qualidade das relações interpessoais.

6 - Dimensão didática

As técnicas didáticas é um recurso que o professor tem à sua disposição, que contribui para o aprimoramento do campo relacional com seus alunos, pois oportuniza ao professor manifestar interesse, respeito, atitude de ajuda, consolidando sua imagem positiva juntos aos alunos. A dimensão didática na relação professor-aluno contribui, entre outros aspectos, para:

- a) Reforçar a autoconfiança dos alunos mediante o elogio oportuno;

- b) Reconhecer acertos parciais ou incompletos;
- c) Fazer comentários orientados para melhorar o autoconceito, e estimular a sua motivação;
- d) Dar orientações práticas sobre o estudo;
- e) Fazer comentários adicionais de caráter educativo;
- f) Verificar o progresso da turma;
- g) Repassar o que foi explicado e consolidar o que foi aprendido;
- h) Centrar a atenção dos alunos e estimular seu interesse.

7 - Concepções de avaliação

Recorrendo aos paradigmas de avaliação formal que se dá no ambiente escolar, é possível fazer uma comparação dos riscos que assumimos ao emitir um juízo de valor sobre algo ou alguém. Para avaliar o aluno em sala de aula, esta pode assumir três funções distintas – diagnóstica, formativa e somativa. Dependendo da concepção de avaliação adotado pelo professor, ele pode trabalhar durante o processo de ensino-aprendizagem as três modalidades avaliativas para fins de coletar o máximo possível de informações sobre o desempenho do aluno e, a partir das análises desses dados emitir um juízo de valor. Desde a primeira impressão com o diagnóstico até a nota final com a somativa, o professor tem consciência de que esse julgamento poderá ter consequências positivas ou negativas..

Da mesma maneira no cotidiano, numa perspectiva, porém informal também somos avaliados constantemente de maneira semelhante às tipologias formais da avaliação, a partir de preconceitos e informações prévias de que às vezes quase não se tem consciência, mas que é determinante na qualidade das relações dentro e fora da sala de aula.

8 - Momentos da avaliação

O momento da avaliação deve ser entendido como uma relação que precisa acontecer cujas finalidades precisam ser bem definidas, objetivando potencializar o bom relacionamento da turma com o professor.

Como será? Avaliar o que? Como? De que forma? Por quê? É o diálogo que deve ser estabelecido, especialmente, no primeiro dia de aula, onde

professor e alunos possam analisar as normas institucionais e adequar às metodologias avaliativas condizentes com a área de estudo da disciplina, evitando futuros conflitos e impressões negativas.

9 - *Clima organizacional da sala de aula*

Clima organizacional da sala de aula caracteriza-se pela qualidade do ambiente, percebida ou experimentada pelos alunos e professores. Esse clima favorece o bom relacionamento e rendimento da turma. A sala de aula deve ser um espaço em que todos percebem a “leveza” entre as pessoas, fazendo com que todos possam sentir-se à vontade para ali permanecer, interagir e aprender, fazendo com as altas expectativas sejam amplificadas através de comportamentos positivos nas relações do dia-a-dia na sala de aula.

10 - *Relações intra e interpessoais na sala de aula.*

O processo de aprendizagem está atrelado às relações interpessoais e intrapessoais. Na sala de aula acontece o verdadeiro fenômeno social, as trocas interpessoais são incessantes e permeiam todo e qualquer procedimento de aprendizagem.

É um espaço educativo onde professores e alunos têm a oportunidade de manifestarem, emoções, pensamentos, conceitos e objetivos do curso, da disciplina, as expectativas atuais e de futuro profissionais, onde se constrói um processo histórico e relacional, com perspectivas reais e, nesta interação constante, recria-se os sujeitos dela participantes.

CONCLUSÃO

Com essa discussão pode-se concluir que a relação professor-aluno na sala de aula é um dos fatores fundamentais que contribuem ou interfere no processo de aprendizagem do aluno. O campo relacional na sala de aula pode ser criado por diversas ações, atitudes e comportamentos que envolvem professores e alunos. As formas potencializar a criação de um campo relacional saudável na sala de aula depende dos sujeitos envolvidos nesse processo (professor e aluno),

mas que, o professor tem uma significação decisiva nessa construção, contribuindo para um aprendizado eficaz.

Nesta perspectiva, foram categorizados dez fatores ou ações na crença de que possa contribuir para tornar o campo relacional professor-aluno na sala de aula um elemento coadjuvante à prática docente nessa interação. São fatores que podem interferir de maneira positiva ou negativa no campo relacional entre professor e aluno, dependendo do grau de consciência sobre a importância das relações interpessoal no contexto da sala de aula, bem como para nossa vida pessoal e profissional, tais como: as primeiras impressões; as expectativas; as ações intencionais e não-intencionais; características e atitudes; multidimensionalidade do campo relacional; dimensão didática; concepção de avaliação; momentos da avaliação; clima organizacional da sala de aula e as relações intra e interpessoais na sala de aula.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria C. & MASETTO, M. T. O professor universitário em aula. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.

GADOTTI, M. Convite à leitura de Paulo Freire. São Paulo: Scipione, 1999.

GURGEL, Carmesina Ribeiro. Avaliação do Desempenho Docente do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí. IN: Ensaio. Avaliação e Políticas Públicas em Educação. v.8, p.217 - 241, 2000

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, Sigmund. Transferência. Edição Standard. Volume XVI. Imago Editora. Conferência XXVII, 1974

_____. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar (1914). RJ: Imago, 1974.

PEDRA, Jose Augusto; FONTES, Cleo. Bullying Escolar-Perguntas e Respostas. Porto Alegre, Artmed, 2008

VALLEJO, Pedro Morales. A relação professor-aluno: o que é, como se faz. Tradutor: Gilmar Sant'Clair Ribeiro. São Paulo: Loyola, 1999.